

## O ROTACISMO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

### ROTACISM IN COMIC BOOKS

Francélia Nunes de Medeiros Ferreira<sup>12</sup>

Clerton Luiz Felix Barboza<sup>13</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva analisar o rotacismo de /r/ em // na fala do personagem Cebolinha, levando em consideração o distúrbio fonológico comumente conhecido como dislalia. Para tanto, como corpora de análise utilizamos as HQs Cebolinha (2010) e Mônica Jovem (2011) de Maurício de Souza, a fim de investigar se durante a passagem de transição da fase de criança para adolescente Cebolinha continua apresentando o distúrbio da dislalia, haja vista que essa patologia pode ser corrigida através de tratamento fonoaudiológico. Como base teórica nos fundamentamos nos trabalhos de Câmara Jr. (1970), Bagno (2006; 2007), Souza (2015) e Romano e Fonseca (2015).

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome. Fala. Cebolinha.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze rotacism of /r/ to // in the speech of the HQ character Cebolinha, taking into account the phonological disorder commonly known as dyslalia. In order to do so, as a corpus of analysis, we used the Cebolinha (2010) and Mônica Jovem (2011) HQs by Maurício de Souza, in order to investigate whether during the transition period from the childhood to adolescence, Cebolinha continues to present the aforementioned phonological disorder, once this pathology can be corrected through speech-language therapy. As a theoretical basis we followed the work of Câmara Jr. (1970), Bagno (2006, 2007), Souza (2015) and Romano e Fonseca (2015).

**KEYWORDS:** Syndrome. Speaks. Cebolinha.

### 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o rotacismo de /r/ em // presente na fala do personagem Cebolinha, nas histórias em quadrinhos (HQs) *Cebolinha (2010)*

---

<sup>12</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, do Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Mossoró, Brasil. E-mail: [francelia\\_estrela@hotmail.com](mailto:francelia_estrela@hotmail.com).

<sup>13</sup> Doutor em Linguística. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Líder do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia – GPeff. Email: [clertonluiz@gmail.com](mailto:clertonluiz@gmail.com).

e *Mônica Jovem* (2011), levando em consideração o distúrbio articulatorio da dislalia. O rotacismo é caracterizado no português brasileiro, doravante PB, pela alternância entre a consoante lateral alveolar // e a vibrante simples /r/, como nos pares: *flamengo* > *framengo* e *bruxa* > *bluxa*, por exemplo. Sobre esse acontecimento, Câmara Jr. (1970, p. 51) ressalva que:

[...] um e outro contrastes são muito precários nos dialetos sociais inferiores e mesmo num registro muito familiar. [...] Nos grupos de líquidas como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do //, que muda em /r/'<sup>14</sup>.

No entanto, é válido frisar que o rotacismo não pode ser estigmatizado como um erro de pronúncia e escrita de uma palavra ligada exclusivamente aos dialetos caipiras ou marginalizados. Do ponto de vista fonaudiológico, ele pode ser tratado como um distúrbio chamado *dislalia*, que apresenta como principal característica a dificuldade na articulação dos fonemas, que pode ocorrer por omissão: *abóbora* > *abóbra*; por troca: *barato* > *balato*; mudança de posição: *caderneta* > *cardeneta*; e/ou acréscimo: *freada* > *freiada*<sup>15</sup>.

A síndrome da dislalia pode ser dividida em quatro tipos, a evolutiva, a funcional, a audiógena e a orgânica. Nos interessa para este estudo a primeira e a segunda que ocorre principalmente em crianças no período da aquisição da fala, entre 0 e 5 anos de idade, e que pode ser corrigida gradativamente durante seu desenvolvimento. Se não tratada a dislalia pode levar futuramente aos vícios de linguagem ou barbarismos, que os gramáticos costumam taxar como erro gramatical.

Logo, nesta pesquisa pretendemos demonstrar que a troca do /r/ em // na fala do personagem Cebolinha está ligada a uma patologia e não a um desconhecimento da norma culta do PB. Para tanto nos apoiamos nas epistemologias de Câmara Jr. (1970), Bagno (2006; 2007), Souza (2015) e Romano e Fonseca (2015).

<sup>14</sup> Símbolo /r'/ utilizado pelo autor em decorrência da data da obra, 1970, período em que era mais difícil o uso do símbolo em IPA na edição de livros.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://goo.gl/UyBF7i>. Acesso: 26. nov. 2016.

Este trabalho possui a seguinte organização: a seção 1 apresenta o conceito e a causa da dislalia. A seção 2 expõe algumas considerações sobre o rotacismo entre /l/ e /r/. A seção 3 traz a análise das HQs *Cebolinha* (2010) e *Mônica Jovem* (2011). E por fim, segue a conclusão desta pesquisa e os seus principais achados, seguida pelas referências bibliográficas.

## 2 A DISLALIA

A *dislalia* (do grego dys + lalia) também conhecida como *desvio fonológico* ou *distúrbio articulatorio*, consiste na dificuldade em combinar os traços fonêmicos ao realizar um fonema ou alofone, seja omitindo ou acrescentando fonemas, alterando um fonema por outro ou ainda modificando sua ordem sequencial. As trocas mais comuns no PB ocorrem, segundo Souza (2015), em: /p/ por /b/; /f/ por /v/; /t/ por /d/; /r/ por /l/; /f/ por /s/; /j/ por /ʒ /; /x/ por /s/; entre outras ocorrências.

Souza (2015) mostra que existem quatro tipos de dislalias, são elas:

- a) **Evolutiva:** geralmente se dá na infância e tende a desaparecer ao logo da transição para a fase adulta;
- b) **Funcional:** a mais comum, no qual ocorre a supressão, substituição, ou acréscimo de fonemas;
- c) **Audiógena:** ocorre quando a criança possui deficiência auditiva, o que leva a realizações não-padrão;
- d) **Orgânica:** ocasionada por lesões no encéfalo, anomalias ou alterações na boca, dificultando a realização das palavras.

A dislalia infantil também pode apresentar outras causas, como por exemplo o uso prologando de chupetas e mamadeiras, a onicofagia<sup>16</sup> e a sucção de dedo, bem como inadequação na hora da mastigação e deglutição dos alimentos. Outras possíveis causas são também a hiperatividade e a língua hipotônica, esta última pode acarretar na má formação da arcada dentária, interferindo na produção do som pelos articuladores: dentes, alvéolos, palato, língua e/ou lábios.

Observando esse fenômeno do ponto de vista fonético temos o que alguns autores costumam denominar de rotacismo, conceito explicado na próxima seção.

---

<sup>16</sup> Roer as unhas.

### 3 O ROTACISMO ENTRE /L/ E /r/

O fenômeno do rotacismo é um fato linguístico diacrônico registrado desde a evolução do latim vulgar para as línguas românicas através de documentos como o *Appendix Probi*. De acordo com Silva Neto (*apud*, Costa, 2011) o documento representa uma lista anônima, provavelmente organizada por um professor para uso de seus alunos, com 227 correções da língua, mostrando o latim falado (vulgar) em oposição ao clássico. Para o desconhecido professor se deveria pronunciar: “flagellum non fragellum<sup>17</sup>”, “suppellex non superlex<sup>18</sup>” e “glatri non cracli<sup>19</sup>”. Isso porque de acordo com a norma do latim culto era a forma correta de se escrever tais palavras. Bagno (2007) também aponta como vestígio histórico do rotacismo, a famosa obra *Os Lusíadas* de Camões, cujo autor emprega o rotacismo ao escrever *ingrês, pubricar, pranta, fruta e frecha*.

Considerando os exemplos do parágrafo anterior podemos tomar o rotacismo como uma tendência natural na evolução das chamadas línguas românicas, caracterizado particularmente pela troca do /l/ pelo /r/, ou vice-versa, nos encontros consonantais. Para ilustrar a evolução linguística diacrônica trouxemos um quadro comparativo entre as palavras, *igreja, Brás, praia, escravo e frouxo*, com sua origem latina em correspondência à outras línguas que derivaram do latim, conforme Bagno (2006). Vejamos:

**Quadro 1:** evolução das palavras a partir do latim (BAGNO, 2006, p. 50).

Latim	Francês	Espanhol	Português
Ecclesia	Église	Iglesia	Igreja
Blasiu	Blaise	Blas	Brás
Plaga	Plage	Playa	Praia
Sclavu	Esclave	Sclavo	Escravo
Fluxu	flou	flojo	frouxo

Fonte: Autoria própria.

<sup>17</sup> Flagelo não fragelo.

<sup>18</sup> Mobiliário não mobiriário.

<sup>19</sup> Glabra não grabra.

No Latim havia um // que se conservou em francês e espanhol (castelhano) através dos tempos, mas que em português transformou-se em /r/, isto pode ser explicado pelo ponto de vista articulatório, na qual as consoantes /r/ e // constituem o grupo das líquidas e apresentam algumas características em comum. Pelo viés fonético, temos:

**Quadro 2:** descrição fonética de /r/ e //, criada a partir de Silva (1999).

	//	/r/
<b>Ponto de articulação</b>	alveolar	alveolar
<b>Modo de articulação</b>	lateral	vibrante
<b>Ressonância</b>	oral	oral
<b>Vibração Laríngea</b>	sonora	sonora

**Fonte:** Autoria própria.

Na leitura do quadro dois podemos observar que as líquidas // e /r/ se diferem apenas no modo de articulação. Enquanto a primeira é lateral, em que “a corrente de ar é obstruída no centro da parte anterior da cavidade oral pela língua, mas o ar escapa pelas laterais sem causar fricção” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20); a segunda é uma vibrante simples, no qual o “som é produzido quando o articulador ativo bate várias e rápidas vezes no articulador passivo.” (SOUZA e SANTOS, 2010, p. 20), em que o articulador ativo é a ponta da língua e o articulador passivo os alvéolos. Isso pode explicar o porquê de ambos os fonemas serem comumente trocados na realização fonética, haja vista semelhanças articulatórias entre eles.

A comparação entre as líquidas também pode ser expressa por meio da matriz fonética criada pela fonologia gerativa padrão de Chomsky e Halle, que leva em consideração os traços fonológicos binários (+) e (-) para distinguir propriedades fonéticas. Sob este aspecto temos para // e /r/, as seguintes representações:

**Quadro 3:** matriz de traços distintivos, segundo Chomsky e Halle (1968).

	//	/r/
<b>Silábico</b>	-	-
<b>Consonantal</b>	+	+
<b>Soante</b>	+	+
<b>Alto</b>	-	-
<b>Baixo</b>	-	-
<b>Recuado</b>	-	-
<b>Anterior</b>	+	+
<b>Coronal</b>	+	+

<b>Arredondado</b>	-	-
<b>Contínuo</b>	+	+
<b>Estridente</b>	-	-
<b>Nasal</b>	-	-
<b>Lateral</b>	+	-
<b>Soltura Retardada</b>	-	-
<b>Vozeado</b>	+	+

Fonte: Chomsky e Halle -1968 (*apud* SEARA et al, 2011).

Neste sistema linear a troca de uma vibrante por uma lateral, mutuamente, consiste no valor do traço lateral. No qual o valor negativo é perdido na vibrante, e uma regra de redundância para as consoantes líquidas introduzirá o valor do traço positivo, fazendo com que haja a rotação entre o /r/ e // na fala, a partir do momento em que o articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar não escapa pela lateralidade. O que ocorre é que o articulador ativo irá bater uma ou várias e rápidas vezes no articulador passivo, causando vibração. Considerando que “os traços distintivos formam as oposições fonológicas das líquidas, enquanto os redundantes são marcados pelo contexto em que ocorrem” (SOUZA, 2015, p. 20).

É válido destacar também, segundo Wiethan et al (2011), que as líquidas no PB, em termos de sistema fonológico, são representadas por //, /l/, /R/ e /r/.

A líquida // é observada nas posições de *onset* (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o *glide* [w], em termos de estrutura silábica, este fonema pode compor o *onset* simples e complexo; o /l/ ocorre na posição de *onset* medial e em poucas palavras, na posição de *onset* inicial; o /R/ apresenta-se em *onset* inicial e medial e na posição de coda na maioria dos Estados brasileiros; o /r/ apresenta-se em *onset* simples (medial) e em *onset* complexo, além de ser produzido em coda medial e final na região sul do Brasil (Wiethan et al, 2011, p. 01).

A citação acima mostra que no PB a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos, no ataque complexo (corresponde a primeira posição na sílaba preenchida por duas consoantes), como ocorre em *blusa* > *brusa*, ou na coda silábica (representa a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba) como ocorre com *sal* > *sar*. Em se tratando do ataque complexo, no PB, ele se configura de forma bastante simples. Apenas o /r/ e o // podem ocupar a segunda posição de ataque, independente de a sílaba ocorrer em

posição final ou medial, como podemos observar no quadro abaixo, segundo Oliveira (2016):

**Quadro 4:** ataque complexo (OLIVEIRA, 2016, p. 34).

<i>/r/</i>			<i>//</i>		
Segmento	Posição inicial	Posição Medial	Segmento	Posição inicial	Posição Medial
/p/	pra.to	com.pra	/p/	pla.ca	du.pla
/b/	bra.ço	ca.bra	/b/	blo.co	pú.bli.co
/t/	tra.go	en.tra	/t/	tlim	a.tlas
/d/	dro.ga	qua.dro	/d/	–	–
/k/	cro.mo	a.cre	/k/	cla.ro	a.cla.ma
/g/	gra.ma	ti.gre	/g/	gló.ria	si.gla
/f/	fra.co	es.pi.na.fre	/f/	fle.cha	ca.mu.fla.do

Fonte: Autoria própria.

O ataque complexo foi enfatizado em detrimento da coda silábica, pelo fato de ser mais comum na fala do personagem central desta pesquisa. Sobre o ataque, Oliveira (2016) comenta que o fato de termos apenas duas consoantes podendo ocupar a posição de ataque complexo pode ser uma das explicações para a grande produtividade de substituições de uma líquida por outra, principalmente na fase de aquisição da linguagem. É o que ocorre com o Cebolinha que faz a rotação de */r/* em *//* na sua fala, principalmente na infância, período em que se aprende os fonemas.

Para que possamos compreender essa proposta, apresentaremos, logo abaixo, uma análise da fala do personagem Cebolinha com os pressupostos teóricos subjacentes à análise: o rotacismo e a dislalia.

#### 4 DISLALIA INFANTIL: O ROTACISMO NAS HQS

De acordo com Souza (2015, p. 06) é “por volta dos oito anos, que a criança atinge a maturidade necessária para produzir todos os sons linguísticos”. Portanto, só poderíamos dizer que uma criança apresenta o distúrbio da dislalia, se diagnosticado por um especialista, após a referida idade. Considerando o

personagem Cebolinha de Maurício de Souza percebemos que o mesmo ainda está enquadrado dentro da idade comum para que haja a confusão na troca de fonemas na hora de pronunciar uma palavra. O problema fonológico que o personagem apresenta é a troca do /r/ pelo // que é comumente chamado de rotacismo pela literatura fonética. Bagno (2007) ao tratar do assunto defende que:

Hoje, o rotacismo em encontro consonantal é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Já o rotacismo em final de sílaba é característico de algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo e Sul de Minas Gerais etc.) (BAGNO, 2007, p. 145).

Apoiados no pensamento do autor, percebemos por meio dos personagens da *Turma da Mônica*, que Cebolinha apresenta o rotacismo que ocorre em contexto de ataque complexo (CCV). Outro personagem, Chico Bento, por ter nascido na roça, apresenta o dialeto caipira típico do interior, e traz na sua fala o rotacismo de final de sílaba, ao realizar palavras como *peçoar* ao invés de *peçoal*. Se levado para o campo da linguística variacionista, Chico Bento apresentaria uma variação da língua padrão, considerando o grupo social no qual ele está inserido, no entanto Cebolinha apresenta um distúrbio de fala chamado de dislalia, e não uma variedade estigmatizada como aponta Bagno (2007), tendo em vista que na escrita ele conhece a norma padrão do PB.

Souza (2015) explica que a dislalia por ser um distúrbio de articulação que leva a dificuldade de realização de determinados sons, pode interferir também no aprendizado da escrita, tendo em vista que alguns portadores da síndrome, geralmente crianças, tendem a escrever como pronunciam as palavras. O erro mais comum, quando uma criança está aprendendo a correspondência grafofônica do PB, é a troca da sequência fônica das palavras, como em **pato** e **bato** (SEARA et al., 2001). Neste caso a distinção se dá porque o /p/ é desvozeado e o /b/ é vozeado. No caso do rotacismo a troca do /r/ em //, reciprocamente, se dá porque ambos fazem parte do grupo das líquidas e apresentam algumas características em comum, como já explicitado na seção dois. Ao fazerem a troca de fonemas as crianças muitas vezes acabam mudando tanto o significante quanto o significado da palavra. Vejamos um exemplo no quadrinho abaixo:





inconsistências grafofônicas entre a fala e a escrita do PB, apesar de ser ainda incapaz de realizá-las.

Comparemos agora a figura um com a figura dois, de Chico Bento:

Figura 2: omissão de fonemas na escrita.



Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/cJnVhk>. Acesso em: 27. nov. 2016.

Como podemos observar, diferentemente de Cebolinha, Chico Bento não consegue desassociar a fala da escrita. Note que ele faz uma omissão dos três primeiros fonemas da palavra *professora* que se reduz, tanto na fala como na escrita, em *fessora*, isto representa o que alguns foneticistas (BAGNO, 2006) costumam chamar de lei do menor esforço, origem da transformação dos vocábulos

que deram origem a formação da Língua Portuguesa, como já explicado na seção dois. A lei do menor esforço consiste em uma “tendência universal em que o falante simplifica a emissão dos sons, facilitando os órgãos do aparelho fonador” (CRUZ et al, 2010, p. 672). Como exemplo podemos citar a síncope, supressão do fonema no meio da palavra; a apócope, supressão do fonema no fim da palavra; e a aférese, supressão do fonema no início da palavra, como ocorre em *fessora*.

Como foi apresentando na seção um deste trabalho, existem quatro tipos mais recorrentes de dislalia, dentre elas Cebolinha apresenta a do tipo funcional, já que ele faz a substituição de um fonema por outro, no caso do /r/ por /l/. Câmara Jr. (1970) ressalva que no PB as laterais e vibrantes anteriores figuram como um segundo elemento de um grupo consonântico que cria contrastes, como entre - *bloco*: *broco* (1ª pes. ind. pres. do verbo *brocar*), *atlas*: *atras* (fem. pl. de *atro*), *clave*: *crave* (subj. de *clavar*), *fluir* (correr): *fruir* (gozar) ressaltando que “há nos dialetos sociais populares o *rotacismo* do /l/” (CÂMARA JR., 1970, p. 50-51). A fala do autor explica o distúrbio da dislalia funcional que Cebolinha apresenta, pois o personagem faz justamente essa rotação de uma lateral por uma alveolar. Vejamos mais um exemplo:

Figura 3: rotacismo de /R/ em /l/.



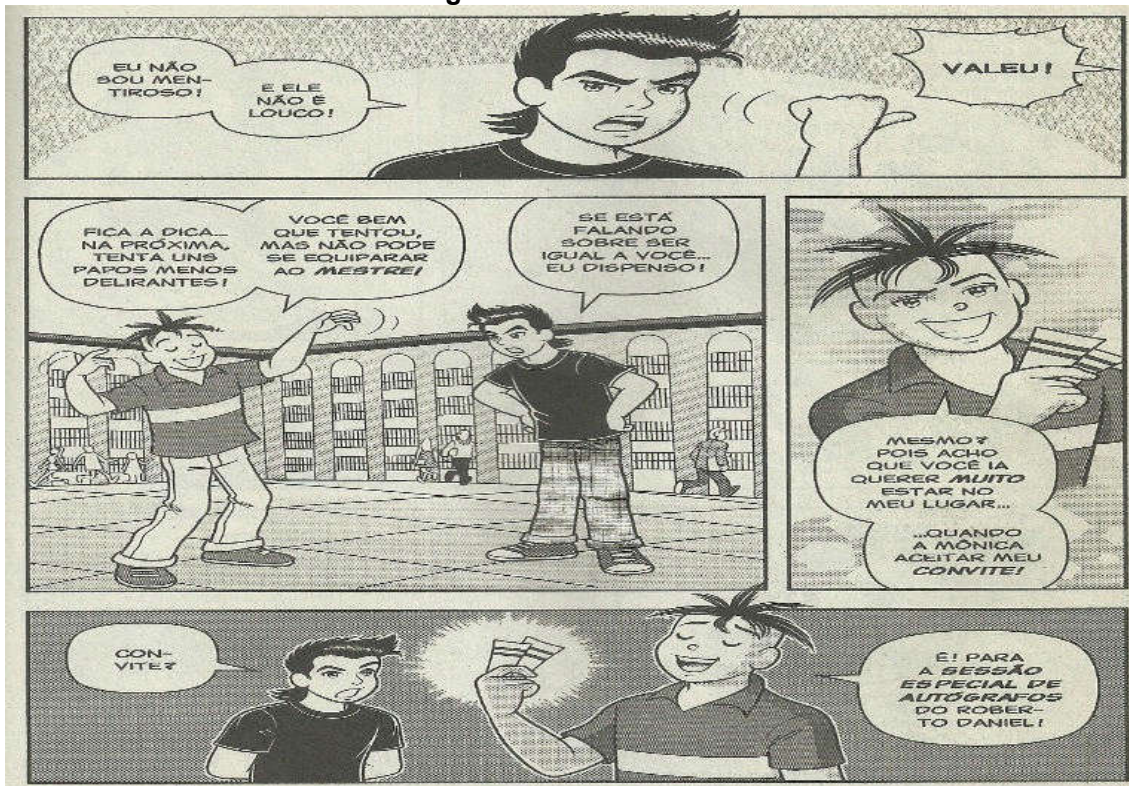
Fonte: Souza (2010).

Atentando para a imagem podemos perceber o rotacismo por meio das palavras *lesolvemos* > *resolvemos*, *coltar* > *cortar* e *atlás* > *atrás*, havendo a substituição do /R/ em /l/. Note que o rotacismo mais comum na fala do personagem é o que ocorre em contexto de ataque complexo, como mostra a palavra *coltar*, em que ele não fala *coltal* substituído o /R/ pelo /l/ em final de sílaba, uma vez que o /R/ no final de verbos no infinitivo, geralmente não é pronunciado no PB.

Nascentes (*apud* ROMANO; FONSECA, 2015, p. 401) mostra que o rotacismo não é tendência apenas do PB podendo ser encontrado também em

Angola, onde o nativo “teve grande dificuldade em articular o *r* português substituindo-o justamente por *l*: *era - ela, claro - calalo, fora-fola*”. O autor ainda apregoa que essa dificuldade pode ser encontrada em diversas línguas, como no francês vulgar de Paris, napolitano, toscano, espanhol, inglês americano, etc. Assim podemos perceber que a troca de *l*/*r* em *ll* não é apenas tendência da fala do personagem Cebolinha, mas que pode ser encontrado comumente na fala de sujeitos reais.

Figura 4: Cebola Jovem.



Fonte: Souza (2011).

Com o passar dos tempos o autor Maurício de Sousa criou uma releitura dos personagens da *Turma da Mônica*, por meio da criação da HQ *Turma da Mônica Jovem*. Agora o personagem Cebolinha se encontra na fase de adolescência e é chamado de Cebolácio Júnior Menezes da Silva, vulgo "Cebola", rejeitando seu apelido de infância. Com o passar dos anos, Cebola tratou de seu distúrbio da dislalia com um fonoaudiólogo<sup>20</sup>, deixando de praticar o rotacismo em sua fala.

<sup>20</sup> Dados disponíveis em: <https://goo.gl/CJyacm>. Acesso: 28. ago. 2016.

Porém, em situações de *stress* e nervosismo ele acaba trocando o /r/ pelo // como fazia na infância.

Note que o distúrbio da dislalia parece ter desaparecido da fala do personagem Cebola com o passar do tempo, o que caracteriza a dislalia evolutiva, no qual a patologia tende a desaparecer na medida que o sujeito aprende a usar os articuladores corretamente na hora de produzir o som. Assim Cebola já não faz o rotacismo de /r/ em //, como bem mostra a palavra *mestre* grafada em negrito, no segundo quadrinho, assim como também as palavras *delirante*, *equiparar*, *querer*, *estar*, etc. Observe que em algumas palavras, no qual esperaríamos que houvesse a troca do /r/ por //, há um destaque em negrito, uma estratégia do autor para chamar a atenção para o fenômeno de variação na fala de Cebola, algo que foi se modificando com o passar dos tempos. No entanto, em outros quadrinhos, quando o personagem fica nervoso o distúrbio volta a emergir, e ele realiza involuntariamente o rotacismo, como mostra a próxima figura. Atentemos mais uma vez, para o destaque em algumas palavras, agora enfatizando a troca das líquidas.

**Figura 5:** Cebola nervoso.



**Fonte:** Souza (2011).

Na figura cinco, deduzimos pela expressão do personagem seu nervosismo que, conseqüentemente, faz com que ele volte a fazer a troca do /r/ pelo //, como nas palavras *holível*, *tlocando* e *letlas*. Portanto podemos constatar que o seu distúrbio fonológico não foi completamente curado, mesmo levando em conta que ele já passou da idade comum para apresentar o problema, a infância.

A dislalia, contudo não é algo inerente aos personagens de HQs, mas ocorre corriqueiramente no dialeto social menos prestigiado por meio do rotacismo e outros fenômenos fonéticos/fonológicos, como os metaplasmos e os encontros

consonantais tautossilábicos, desaguando nos chamados vulgarismos, que de acordo com Silva e Neto (*apud* ROMANO;FONSECA, p. 401), “pertencem às ‘tendências já contidas na *deriva* da língua que logo irrompem quando o meio social é turvo e incerto pela convivência de populações de origens diversas e a falta de rígida norma linguística”. Neste caso temos nos dialetos sociais de menos prestígio pronúncias como *probrema*, *cardo*, *blinco*, *blanco*, ao invés de *problema*, *caldo*, *brinco* e *branco*. Logo vemos que o rotacismo proveniente da dislalia pode desaparecer na infância ou permanecer ao longo da vida adulta se o distúrbio não for tratado, e que outros casos que fogem à síndrome são vistos como variações linguísticas ou desvios da norma culta. Este último pode levar ao preconceito linguístico que por conseguinte pode acarretar na exclusão social, como bem apontou a figura cinco, quando o autor tenta quebrar esse tipo de preconceito inerente a fala “incorreta” na seguinte passagem: “Por um mundo, onde quando alguém fala errado, todos os outros acompanham para ninguém ficar excluído”. Um exemplo de preconceito linguístico pode ser visto no quadrinho abaixo:

Figura 6: preconceito linguístico.



Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/1GNHJR>. Acesso em: 27.nov. 2016.

Observe no quadrinho acima através da fala da professora, “isso é lá português que se fala”, a existência do que Bagno (2006) chama de preconceito linguístico. De acordo com o autor este preconceito se baseia na crença de que só existe,

[..] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2006, p. 37).

Bagno (2006) atenta para a necessidade de se olhar para o fenômeno da variação como algo comum na língua, uma vez que todas as línguas naturais apresentam marcante variação e que cada falante tem seu modo particular de realizar uma palavra. No que toca ao ensino nas escolas, como é apresentado na figura seis, o autor comenta que “infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português” (BAGNO, 2006, p. 48). O que leva a discriminação e a estigmatização das falas, como ocorre com o fenômeno do rotacismo que, por vezes, é caracterizado como erro gramatical, mesmo estando ligado a uma patologia como a dislalia. Fato que buscamos observar nesta pesquisa.

## 5 CONCLUSÃO

O rotacismo, segundo Romano e Fonseca (2015, p. 408) “revela aspectos conservadores do português brasileiro, uma vez que, diacronicamente, observa-se a presença do fenômeno já no latim vulgar e na sua passagem para as línguas românicas”. Esta presença pode ser vista por meio da evolução da palavra *Ecclesia* que deu origem a *Igreja* no PB. Sincronicamente, a troca da vibrante pela alveolar pode ser descrita não apenas como um fenômeno fonético, mas também como um distúrbio fonológico conhecido como dislalia, que leva o falante a fazer a troca de fonemas ao realizar uma palavra, algo mais recorrente na infância.

Por meio das HQs analisadas observou-se que o personagem Cebolinha na sua infância apresenta a dislalia por meio do rotacismo do /r/ em //, mas que gradativamente esta perturbação foi perdendo a força na adolescência, tendo em vista que Cebola faz a rotação apenas quando fica nervoso. Isto mostra que o distúrbio, caso haja tratamento, pode desaparecer à medida que o sujeito vai tomando conhecimento do seu aparelho articulatório, no caso do Cebolinha podemos depreender que ele tinha dificuldade na infância em fazer com que a ponta da língua tocasse nos alvéolos para produzir o som da vibrante /r/, deixando, ao invés disso, o ar escapar pelas laterais da língua produzindo o som lateral de //.

Logo, podemos inferir que o que o personagem apresentava quando criança a síndrome da dislalia e não uma falta de conhecimento da norma padrão do PB, pois na escrita, como foi mostrado na figura de número um, ele escreve corretamente as palavras, mas não às pronuncia de acordo com a gramática normativa, fazendo a troca de /r/ em //.

Conclui-se que o mundo das HQs é bastante rico no que tange à representação da variação linguística encontrada no PB. Estudos complementares podem ser realizados enfatizando os desvios fonológicos da fala de diversos outros personagens infantis, como Hortelino Troca-Letras e Gaguinho, personagens dos estudos Hanna-Barbera.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 48 e 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Luciane Trennephol da. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2001. p. 173. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CRUZ, Ana Gabriela Caldeira da, et al. A variação fonológica: metaplasmos em tiras de HQS. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS, 7 ed., 2010,



Pará. *Anais do VII Seminário de Iniciação Científica SóLetras – CLCA*, Pará: UENP, 2010, p. 671-680.

OLIVEIRA, Demerval da Hora. *Fonética e Fonologia*. Disponível em: <https://goo.gl/nf34uC>. Acesso em: 28. nov. 2016.

ROMANO, Valter Pereira; FONSECA, Cecília Godoi. Uma abordagem sociodialeológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG, *Web-revista sociodialeto*, vol. 6. nº 16. p. 395 – 401, 2015.

SEARA, Izabel Christine, et al. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel Santana. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 09-31.

SOUZA, Maurício de. *Cebolinha*. Rio de Janeiro: Panini Brasil LTDA, nº 41, maio, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mônica jovem*. Rio de Janeiro: Panini Brasil LTDA, nº 30, jan. 2011.

SOUZA, Marina Castro de. *Dislalia na escola*. São Carlos: IFCC, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/J2RPh4>. Acesso: 28. out. 2016.

WIETHAN, Fernanda Marafiga, et al. Consoantes líquidas: ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico, *Revista Cefac*, vol.13, nº 4, p. 607-616, 2011.